

# Oferta de vacinas

» SACHA CALMON  
Advogado

Assis Moreira nos diz que as dificuldades no abastecimento internacional de componentes para produção de vacinas anticovid podem ter impacto e sugere que é preciso ter cautela em relação às expectativas do governo brasileiro sobre o volume de doses que deve chegar ao país. Os anúncios são esses: O Ministério da Saúde tem contratos de compra de 100 milhões de doses da CoronaVac (produzida pelo Butantan) e de 214 milhões de doses da AstraZeneca/Oxford (a maior parte produzida pela Fundação Oswaldo Cruz). As duas dependem de insumos ativos importados. O ministério contratou também 100 milhões de doses da Pfizer — a serem importadas — e esta semana anunciou que está prestes a assinar um novo contrato para mais 100 milhões do laboratório. O ministro Marcelo Queiroga afirmou que só com a Pfizer (que, segundo ele, poderia totalizar a entrega de 135 milhões de doses este ano) seria possível vacinar metade da população brasileira. Parece fácil.

Fontes da indústria farmacêutica consultadas pelo *Valor* negam que os desafios da cadeia de abastecimento tenham desaparecido — embora os principais fabricantes de vacinas tentem atender às demandas nos prazos acertados. Mas será impossível. O Brasil atrasou-se.

“A cadeia global de fornecimento continua muito instável”, confirmou a diretora-adjunta da Organização Mundial da Saúde (OMS), Mariângela Simão, diretamente envolvida com a questão das vacinas.

“Problemas com suprimento de diferentes insumos na cadeia de suprimentos continua tendo impacto na disponibilidade de vacinas. Afeta todos produtores”, disse ela.

Representantes da indústria farmacêutica de países desenvolvidos e de nações emergentes, reunidos recentemente em Genebra, pediram medidas urgentes dos países para remover barreiras no fornecimento

de certos componentes necessários para os laboratórios alcançarem metas de produção de vacinas anticovid.

Consideraram, particularmente, a escassez global de alguns dos mais de 100 componentes e ingredientes e citaram como exemplo a falta de lipídios necessários nas vacinas de mRNA (RNA mensageiro), tubos e sacos plásticos. Uma porta-voz da Pfizer disse, nesta semana, que a vacina da companhia requer 280 componentes de 86 fornecedores em 19 países, além de pessoal e equipamentos altamente especializados.

O Butantan tem registrado dificuldade no recebimento de insumos ativos da China, a maior produtora, e a direção da Fiocruz informou em abril que o maior risco para sua produção é a falta de insumos — embora isso não tenha ocorrido até o momento.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) aponta a existência de taxas sobre vacinas em 22% das economias. As tarifas médias mundiais sobre ingredientes de vacinas como conservantes, adjuvantes, estabilizadores, antibióticos variam entre 2,6% e 9,4%. A produção, distribuição e administração das vacinas necessitam também de itens como freezer, caixas frias, gelo seco, transportador de vacina,

rolhas, frascos de vidro, seringas e agulhas. Entre os principais produtores estão EUA, China, Alemanha, Irlanda e Bélgica.

Os EUA são um dos países que atualmente restringem a exportação de vários componentes com seu Defense Production Act (DPA), para reservá-los à produção nacional. Washington liberou a exportação de vários insumos, sobretudo para a Índia produzir vacinas, em meio à explosão de novos casos naquele país. O governo de Joe Biden está sob pressão para aceitar flexibilização na proteção de patentes e permitir produção maior em nações em desenvolvimento, que mais necessitam desesperadamente de doses contra o vírus.

Anthony Fauci, principal assessor médico de Biden para a pandemia, sugeriu aos fabricantes de medicamentos agirem, seja expandindo muito sua capacidade de fabricação para atender outras nações a “um preço extremamente reduzido”, seja transferindo sua tecnologia para permitir que o mundo em desenvolvimento faça cópias baratas. “Eu sempre respeito as necessidades das empresas para proteger seus interesses, para mantê-las no negócio, mas não podemos fazê-lo completamente às custas de não permitir que a vacina que salva vidas chegue às pessoas que precisam dela”, afirmou.

A AstraZeneca, por exemplo, tem capacidade de produção de 3 bilhões de doses, inferior em 121 milhões de doses às encomendas que aceitou. Já a Pfizer tem produção estimada de 2,5 bilhões de doses para este ano, comparado a encomendas fechadas de 2,19 bilhões de doses.

Apesar dos desafios globais da cadeia de fornecimento para os produtores de vacinas, a Airfinity calcula, com base na produção e nos contratos de fornecimento de vacinas, que cem países terão vacinado sua população com mais de 50 anos de idade até o fim de setembro. O Brasil ainda não vacinou sequer 25% da população.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circacunha.df@dabr.com.br](mailto:circacunha.df@dabr.com.br)

## Passado que não passa

Quem acompanha o noticiário nacional, mesmo superficialmente, observa que o Brasil, ao contrário do resto do mundo, parece congelado no tempo, como embalsamado numa espécie de cápsula à espera de um futuro que teima em não chegar. Chama a atenção nesse caso a foto, um tanto oportunista, mostrando os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Lula com o já tradicional cumprimento, trazido pela pandemia, que antepõe punho contra punho.

Fôssemos analisar com mais acuidade a foto, como fazem os investigadores, em busca, quem sabe, de algumas evidências que estariam postas naquela reunião, por detrás das lentes e nos bastidores desse encontro estratégico, muitas pistas saltariam aos olhos.

De cara, é possível notar que, nesse cumprimento, FHC aparece usando o braço direito e Lula o esquerdo. Mostra ainda que FHC usa um suéter na cor vermelha e sugestiva de algum gosto, ideológico, por esse matiz, enquanto Lula parece metido num velho paletó na cor cinza azulado, indefinível como uma esfinge.

Na foto, FHC, a despeito da diferença de idade com Lula, aparenta ser mais novo e conservado, enquanto o cacique, do que ainda resta do Partido dos Trabalhadores, se mostra envelhecido e corroído pelo tempo e pelos excessos, que não foram poucos.

No olhar de ambos, também se nota uma diferença básica. Enquanto FHC parece exibir um olhar mais risonho, talvez de deboche, Lula tem nos olhos aquela expressão de desconfiança, próprio daqueles que não confiam em ninguém, talvez já nem em si próprio.

O tempo passado na prisão, deu a Lula aquele ar assustado próprio de ex-prisioneiros temerosos de que algum dia possam voltar à cela. O fato é que o tempo passou para ambos, mas apenas Lula não viu.

Em sua época, enquanto os holofotes ainda iluminavam sua figura, FHC teve a chance de ouro de fazer, como todo o presidente, seu sucessor, abrindo caminho para a consolidação de uma economia do tipo liberal, como proposta por sua equipe econômica. Preferiu seguir como um tipo de ativista universitário, dando passagem para Lula e para tudo o que ocorreu em seguida.

Nesse sentido, FHC é um dos artífices do Lulopetismo, embora tenha sido perseguido e renegado pela turma que o ajudou a colocar no poder. Há quem diga que, hoje, Lula mais se parece com um Maluf de esquerda, embora o que lhe falte em capacidade de trabalho, sobre em perspicácia e malabarismos políticos. Nesse caso, é preciso notar que Lula, em sua época, também foi cumprimentar Maluf, dentro do que se pode conceber como um falso jogo de cintura política, já que ambos são cara e coroa da mesma moeda fundida em São Paulo.

No almoço, em que foram seladas possíveis estratégias para derrotar Bolsonaro em 2022, patrocinado pelo onipresente e ex-ministro Nelson Jobim, um sucessor de Márcio Thomás Bastos, nas táticas de livrar Lula de enrascadas com a lei, o cardápio servido foi, como não podia deixar de ser, a pavimentação para um possível retorno de Lula ao Palácio do Planalto, quem sabe, levando a tiracolo José Dirceu, Jean Willis, filiado ao PT, Gleisi e toda trupe, numa espécie de revival do inferno zodiacal do Brasil, a aprisionar o país num passado que não passa e num futuro que não chega.

### »» A frase que foi pronunciada

“Há heranças malditas que viram benditas e benditas que viram malditas.”

Dona Dita, achando graça no BBB da política.

### Perigo

» Com todas as discussões sobre áreas verdes, bandidos estão se aproveitando para se passarem por agentes da Agefis. Pedem para entrar no terreno para averiguar a demarcação e cuidados.

### Deu no Deutch Welle

» Quem pesquisou foi o pessoal do Greenpeace. Enquanto a Alemanha critica o Brasil pelos maus-tratos ecológicos, despacha para esse mesmo Brasil, que aceita tudo pelo imediatismo das vantagens, agrotóxicos proibidos na própria Alemanha. As frutas brasileiras pesquisadas

eram exportadas para o país germânico.

### Partida

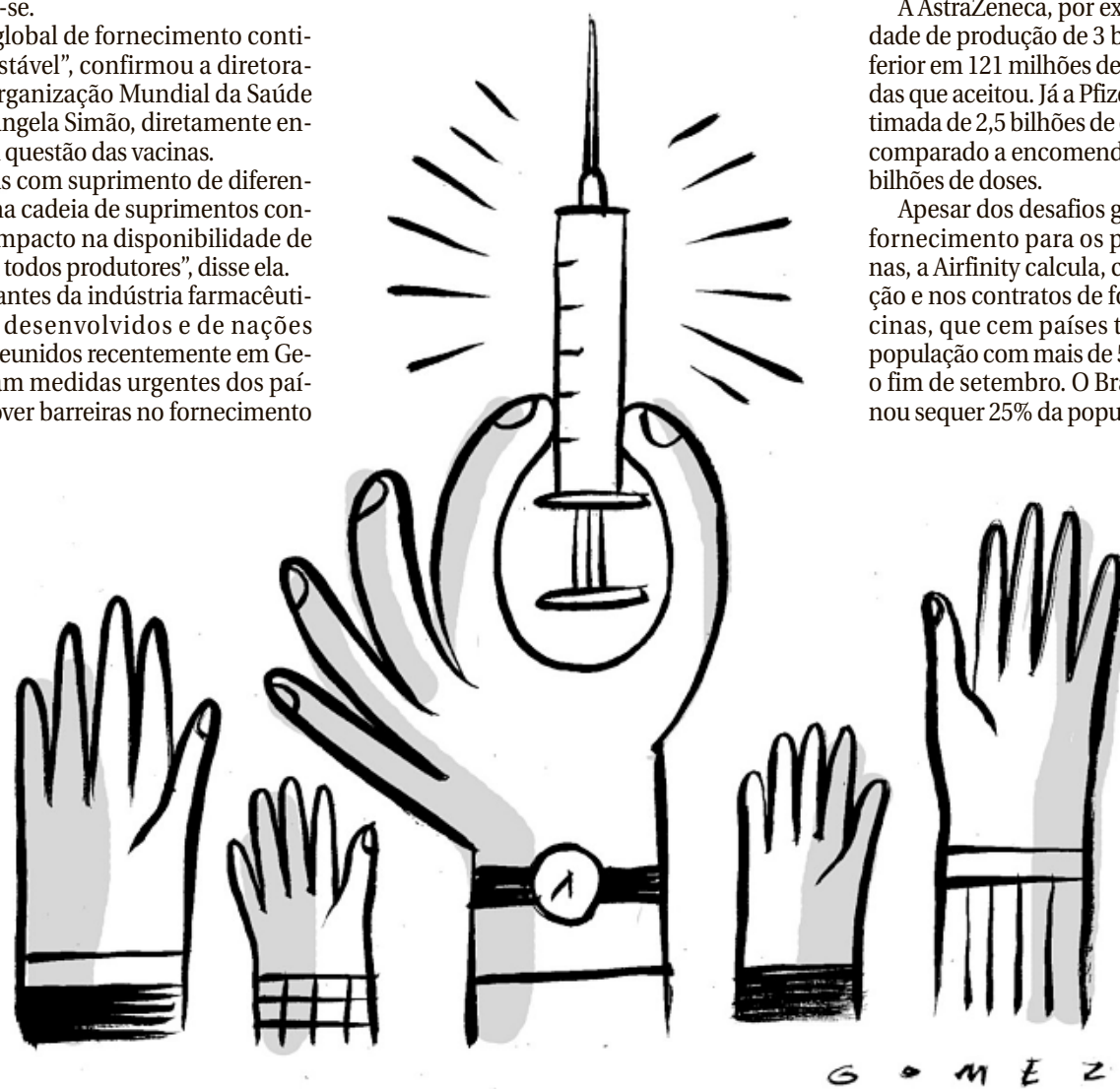
» Sálvio Medeiros Costa e José da Costa Oliveira. Dois servidores exemplares do Ministério da Fazenda. Hoje, nos despedimos de Sálvio, que encontra o amigo José em outra dimensão.

### Experiência

» Juliana Seidl é doutora no assunto e está espalhando conhecimento para diminuir o sofrimento das pessoas com etarismo, ageísmo ou idadeísmo. Esteriotipos e discriminação embutidos no preconceito tendo a idade como referência. Leia mais sobre o assunto no *Blog do Ari Cunha*.

### »» História de Brasília

O que há com o ensino em Brasília é isto: Há 13 alunos para cada professora, e o prefeito mandou sustar o concurso, e as novas admissões. (Publicada em 02.02.1962)



G • M • E • Z

## Combater as desigualdades e proteger os bens públicos globais

» PHILLIPE ORLIANGE  
Diretor regional da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD)

» FRÉDÉRIQUE SEYLER  
Representante do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD) no Brasil

O Senado francês inicia, neste mês, a discussão do projeto de lei “Desenvolvimento Solidário e Combate às Desigualdades Globais”, apresentado pelo ministro da Europa e dos Assuntos Exteriores, Jean-Yves Le Drian, e aprovado, por unanimidade, pela Assembleia Nacional. Esse projeto de lei é crucial, pois estabelece princípios que visam orientar a política da França em matéria de desenvolvimento internacional, além de definir as etapas que permitirão ao país alcançar, em 2025, o objetivo de destinar 0,7% de seu PIB à Assistência Oficial ao Desenvolvimento de países estrangeiros (AOD). Essa iniciativa também constitui, em plena pandemia da covid-19, um forte reconhecimento do caráter indispensável da cooperação internacional para o enfrentamento da crise.

O duplo objetivo de combater as desigualdades e proteger os bens públicos globais reflete, na política francesa para o desenvolvimento, o espírito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável adotados em 2015 pelos Estados membros das Nações Unidas. Esse debate não é teórico. A relação entre as questões sociais e ambientais é parte integrante do pacto social. E essa dinâmica diz respeito tanto às camadas mais pobres quanto à classe média, que tem aumentado mundialmente nos últimos 20 anos, principalmente nos países emergentes. Essa ascensão social é acompanhada por novas aspirações que, por sua vez, dão lugar a novos padrões de consumo e dinâmicas urbanas que podem acentuar as desigualdades.

O link existente entre os desafios sociais e ambientais também é ilustrado pela questão das vulnerabilidades e faz parte do escopo do trabalho da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD) e do Instituto francês de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD), no Brasil. A Região Nordeste, por exemplo, que tem um dos níveis de desenvolvimento mais baixos do país, é caracterizada por um clima que a submete a fortes períodos de seca (cada vez mais frequentes nos últimos anos) e a inundações catastróficas em períodos de chuva, o que a torna altamente vulnerável. Os trabalhos do IRD e de seus parceiros mostraram que políticas públicas ligadas à questão da água no Nordeste não podem ser dissociadas de aspectos sociais e políticos.

As pesquisas que o IRD conduz, hoje, com a Universidade Regional do Cariri têm justamente o propósito de entender como os diferentes tipos de ocupação e uso do espaço, modos de vida e padrões de consumo se relacionam com a dinâmica do clima, a perda de solo por erosão hídrica e as mudanças da cobertura vegetal. As diferenças na exposição a riscos sanitários, como a malária, também estão sendo estudadas pelo IRD e a Fiocruz e mostram o papel do clima e das desigualdades sociais no agravamento desses riscos, principalmente nas regiões fronteiriças.

A crise da covid-19 acentua essas fragilidades e vulnerabilidades, tornando ainda mais evidente a necessidade de que sejam implementadas medidas que possam responder ao mesmo tempo aos desafios ligados às desigualdades, incluindo os que dizem respeito à

classe média, e às questões relativas aos bens públicos globais, como as vacinas contra o novo coronavírus, por exemplo. O plano francês de recuperação econômica ilustra essa necessidade, que também fundamenta as ações de cooperação realizadas pela França, no Brasil, por meio da Agência Francesa de Desenvolvimento. E é esse mesmo espírito que orienta os financiamentos concedidos pela AFD a bancos regionais de desenvolvimento, como o BRDE e o BDMG, e privados, como o ABC e o BTG Pactual.

Uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em colaboração com o IRD, mostra que os habitantes das favelas e os trabalhadores informais foram os mais afetados pela covid-19, e que o auxílio emergencial foi um importante aliado no combate à pobreza. Foi por isso que a França participou do financiamento do auxílio em 2020. O combate às desigualdades e a proteção dos bens públicos globais inspiram também o trabalho de cooperação desenvolvido no estado do Ceará, no município de Paragominas, no Pará, e em Curitiba, que enfrentam o desafio de conciliar desenvolvimento sustentável, gestão dos recursos naturais e coesão social.

A pandemia confirma, assim, tanto a pertinência de cada um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, quanto a importância dos objetivos traçados pela lei sobre o desenvolvimento, em discussão no parlamento francês. Proteger os bens públicos e combater as desigualdades globais são a melhor forma de seguirmos em frente sem deixar ninguém para trás.